

UMA VILA NOS CONFINS

A VILLAGE IN CONFINS

Maria Aura Marques Aida¹

Resumo:

Este artigo apresenta Vila dos Confins, cidade fictícia que representa o sertão, a política e o cotidiano da sociedade interiorana por meio dos aspectos que lhe são específicos e entendidos como regionais. Ao buscar a historicidade do livro de Mário Palmério, me propus analisar nesse texto aspectos representativos da vida no meio rural. Também interessa a esta pesquisa observar como o autor representava a relação entre a ficção e as experiências que ele viveu em suas andanças enquanto fazia política.

Palavras chave: cidade, sertão, política.

Abstract:

This article presents Village Confins, a fictional city that represents the “sertão”, politics and daily life of hinterland, through the aspects that are specific and defined as regional. In seeking the historicity of the book by Mario Palmério, I proposed to analyze in this text representative aspects of life in rural areas. Also interests to this research observe how the author represented the relationship between fiction and experiences he experienced in his travels to do politics.

Keywords: city, “sertão”, politics.

¹ Professora na Universidade de Uberaba – MG. Doutoranda e Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Docência Universitária e em Educação a Distância pela Universidade de Uberaba, graduada em História. E-mail: maria.aidar@uniube.br

A década de 1950 no Brasil possuía grandes expectativas. A política fervia com as questões de sucessão presidencial e o Programa do Petróleo Nacional. Pela primeira vez a Copa do Mundo de futebol seria realizada no Brasil, o que não foi de grande ajuda, considerando que o esquadrão brasileiro, para grande desespero da população, acabaria por conquistar a cobiçada Taça Jules Rimet somente em 1958.

Símbolo do moderno até o final dos anos 50, o rádio criou modas, ídolos e novas práticas cotidianas, e se manteve como tal apesar do início das transmissões da televisão. Nem todas as residências possuíam o novo aparelho, que mudaria o tipo de sociabilidade adotado até então. Abria-se o mundo para os ouvintes, promovia-se grande integração, trazendo novidades, curiosidades, música, propaganda. Além de formador de opinião, o rádio embalava os sonhos romanceados pela voz dos atores nas radionovelas e cantores nos programas de auditório. A televisão foi lançada em 1950 em São Paulo, no entanto, em 1959, apesar da população brasileira ser de 71 milhões de habitantes, somente 434 mil lares possuíam um aparelho de TV.

A literatura, por sua vez parecia acompanhar a meta do Presidente Juscelino Kubistchek de desen-

volvimento: “cinquenta anos em cinco”. Foram lançadas pela Editora José Olympio, ao longo da década, as obras completas de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos; *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosa, além de obras de Ledo Ivo, Autran Dourado, Antonio Callado, Fernando Sabino. Outras Editoras lançaram Geraldo Ferraz, com *Doramundo*; Campos de Carvalho, com a *Lua vem da Ásia*; *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto. Raimundo Faoro lançou *Os donos do poder*, no qual analisava a formação do patronato político no Brasil; também foram publicados: *Formação econômica do Brasil*, do economista Celso Furtado; *Formação histórica da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido; *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux; *Visão do paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Os poetas concretistas lançaram seu Manifesto em 1957. A revista *O Cruzeiro*, pertencente ao grupo dos Associados de Assis Chateaubriand, atingiu em 1956 uma tiragem semanal de 570 mil exemplares.

Segundo dados das *Tendências Demográficas 2000*, do IBGE (2001), ainda na década de 50, o Brasil

era um país predominantemente rural. Mais da metade da população estava no campo. Em 1940 havia 12,9 milhões de pessoas na área urbana e 28,3 milhões no meio rural. Em 1950 18,8 milhões residiam na área urbana e 33,2 milhões no meio rural. Com a industrialização promovida no governo de Juscelino o cenário começou a mudar. Na década de 1960 houve aumento acentuado da população urbana e na década de 1970 o número de residentes no perímetro urbano ultrapassou o rural. A quantidade de empregos nas grandes cidades aumentou e a economia cresceu. O crescimento veio acompanhado de investimento governamental em estradas, visando à interiorização do “progresso”, principalmente após a construção de Brasília.

Com a migração rural a cultura tradicional foi afastada de suas condições antigas, posta em situações novas e mais ou menos urbanas, mas não desapareceu. Passou a fazer parte de um processo de outra natureza. E é nesse Brasil, que aos poucos vai mudando, deixando de ser rural e passando a ser urbano que alguns escritores, antes denominados regionalistas, ou que haviam escrito obras regionalistas, tentam se adequar aos novos tempos. José Lins do Rego escreveu *Eurídice* – romance de efeito psicológico. Jorge Amado lançou, em 1952,

Os subterrâneos da liberdade e, em 1958, *Gabriela, cravo e canela*.

Os escritores são produtos de sua época e de sua sociedade, indivíduos sujeitos ao condicionamento que seu pertencimento de classe, sua origem étnica, seu gênero e o processo histórico do qual é parte lhe impõem (FACINA, 2004). Situar panoramicamente o contexto brasileiro em que o livro *Vila dos confins*, de Mário Palmério, foi lançado, muito bem vendido e bem recebido pela crítica, facilita o entendimento de que as obras literárias são produtos históricos. Seus autores, inseridos numa sociedade específica, vinculados a múltiplos pertencimentos, desenvolvem sua liberdade de escolha num campo de possibilidades da dinâmica social.

Os homens que construíram as cidades desbravaram o sertão, apropriaram-se de sua cultura e construíram seu espaço historicamente nessas cidades com seu modo de vida trazido quando da migração. O livro de Palmério, provavelmente agradou aos leitores por falar de coisas que lhes eram conhecidas, afinal, o Brasil dos anos 1950 ainda era predominantemente rural e as pessoas das cidades guardavam vivas recordações a respeito da vida no campo².

² Willians (1989) afirma a necessidade de se compreender a recorrente

Além disso, o livro tinha o atrativo da trama política que chamava bastante atenção num país que vivia um golpe de Estado, o suicídio de um presidente, intrigas de oposição e a possibilidade de o novo presidente eleito não tomar posse. Tudo isso num período de tempo bastante curto. Um país no qual a imprensa participava ativamente de todas as questões políticas, apesar de muitos jornais terem sua credibilidade comprometida por interesses políticos e econômicos.

Vila dos confins foi considerado pela crítica especializada um romance regionalista, cujo enredo trata da eleição para prefeito de uma cidade do interior do Brasil. O autor, Mário Palmério, desde o lançamento do livro, nas inúmeras entrevistas que concedeu, sempre afirmou que a história narrada era uma síntese de sua experiência eleitoral, que o levou a viajar e conhecer mais intimamente as regiões pelas quais circulou. As personagens seriam representações das pessoas com as quais conviveu em suas andanças.

Na trama estão presentes, um deputado, um cabo eleitoral, um dono de venda, um mascate e um coronel, que representam equivalentes das inúmeras

comunidades ao longo do país. Para compreender a relação que se estabelece entre ficção e verdade neste texto de Palmério, vale observar as palavras de Charrier (1985, p.62-63), “nenhum texto, mesmo aparentemente mais documental, mais objetivo mantém uma relação transparente com a realidade que apreende.” Nesse viés, a representação, não é o reflexo do real, mas a significação das práticas humanas e projeto de (res)significação e instituição ou justificação das mesmas ou de outras práticas.

O livro aborda a política, constata-a, mas o autor não faz do mesmo um espaço para julgamentos e muito menos um palanque para o discurso político. Quando do lançamento do livro, Palmério era deputado federal. Todavia, por meio dos seus personagens, não há como não perceber uma denúncia velada a todas as práticas que subvertiam as normas e as leis eleitorais da época. A convivência com as ações ilegais demonstra que a república convivia com uma moral e uma ética questionáveis, próprias da imaturidade política da sociedade brasileira da época.

O poder e as relações que o sustentavam refletiam os desmandos e os interesses das elites regionais em consonância com os nacionais. De fato a ideologia

evocação nostálgica de um passado rural de abundância e felicidade, especialmente contextualizado pela literatura.

da democracia liberal burguesa ainda era um simulacro no Brasil.

Em *Vila dos confins* as lidas da política, convivem com a fauna, a flora, a geografia e os ofícios da região. Segundo Vicentini (2007, p.188) “o jeito de ser, o nível mental, os problemas regionais, as crenças, o universo ideológico são matéria pronta recolhida e apresentada para expressar identidade regional na literatura regionalista que se preocupa com as questões da verossimilhança do seu mundo representado”.

A narrativa em literatura se define por um desenvolvimento de ações com o fim de tornar crível o desenrolar da trama, buscando uma conexão de relações entre os dados fornecidos pelo passado e o contexto que lhes quer dar o narrador. Essa organização imaginada é que faz com que a obra – fictícia – apresente verossimilhança, e exprima ser possível o imaginado pelo autor. A ficção, o romance, permite ao autor da obra uma liberdade criativa que não é permitida ao historiador e sua narrativa de representação do passado “real”.

Apesar de toda obra literária ser calcada na visão de mundo do escritor, encontramos, muitas vezes, obras em que a realidade e ficção estão imbricadas de tal forma, que fica difícil para o leitor distinguir as

duas situações.

Talvez Palmério tenha utilizado a ficção para revelar, informar sobre as falcaturas políticas de seu tempo, lugar insólito, diga-se de passagem, para tratar de tais assuntos. Porém seus leitores reconheceram no livro sua realidade, seja na vida do interior, na sua cultura, ou mesmo a política que, de forma escancarada, confundia o público com o privado, privilegiando as elites no poder. A ficção entretém, mas também pode ser vista como uma forma de contar um acontecido verdadeiro ou, como muitos consideram “pura realidade”. As análises literárias apresentavam-se muitas vezes em dúvida a respeito de *Vila dos confins*: tudo seria verídico, ou se tudo seria ficção?

Vila dos confins representa a experiência eleitoral do autor. É sintetizada numa pequena cidadezinha que dá nome ao livro e onde se passam acontecimentos semelhantes aos de várias outras cidades reais. No entanto, tudo ali é pura ficção.

Apesar de testemunha, Palmério optou pela narrativa literária ficcional. Foi um narrador onisciente neutro, inseriu capítulos com relatos sobre a vida no sertão, apresentando as peculiaridades locais. Ignorou a formação tradicional do romance que apresenta as

características psicológicas das personagens. O autor não mostrou personagens complexos, apresentou, ao contrário, figuras simples, personagens que boa parte da população urbana, recém imigrada do campo, conhecia bem. A natureza, a fauna e a flora descritas despertavam a memória afetiva de muitos brasileiros. As questões políticas levantadas faziam parte de um cotidiano que o Brasil do período desenvolvimentista precisava superar.

Foi consenso entre a crítica, e acredito também entre o público leitor, que a narrativa de Palmério estaria muito próxima do real, visto é possível identificar no Brasil contemporâneo situações políticas como as apresentadas no livro. *Vila dos confins* não relata situações que seu autor teria vivenciado como observador, mas, como ator. Todavia, como nos ensina Ligia Chiappini:

[...] Os ficcionistas não precisam de álibi. E quem trabalha com textos literários tampouco. Podemos valorizar um texto por ser este pleno de possibilidades de sentido, porque reinventa a língua a cada linha, porque nos arrepia com seu ritmo ou nos comove com seu *pathos*, mesmo que contrarie as verdades investi-

gadas pelo historiador. Por isso não cabe dizer que um ficcionista finge ou mente, embora caiba perguntar, sim, que verdade ele nos traz pelas suas meias verdades (CHIAPPINI, 1999, p.805).

As memórias de Mário Palmério trouxeram à luz acontecimentos que, segundo ele, foram vividos, mas não necessariamente como foram relatados em seu livro. *Vila dos confins* foi um lugar de memória, teve um caráter de denúncia. Palmério não se prendeu a uma definição estreita do político isolando-o de outras dimensões da vida coletiva e dos outros aspectos da existência individual. Assim, como René Remond, o autor percebeu que:

[...] O político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social (REMOND, 2003, p.35).

A introdução do livro apresenta uma descrição da localidade de Vila dos Confins. Geografia mineira

e do Triângulo Mineiro que vai do noroeste de Minas a Goiás e Mato Grosso. Na década de 1950, quando foi escrito o livro, o Triângulo ainda não era o plantador de soja e milho que é hoje e nem tampouco a referência nacional em gado Zebu:

- O Sertão dos Confins é um mundo de chão arenoso e branco, que principia na Serra dos Ferreiros e acaba no Ribeirão das Palmas [...]

-Terra boa mesmo, coisa escassa: mancha ou outra de massapé roxo [...] e a mataria das vertentes da serra do Fundão. E afora as baixadas de terra preta do pessoal dos Correias [...] o restinho de cultura são apenas as estreitas tiras de capoeirão que beiradeiam as águas.

- Pouco mato e, por isso mesmo, madeira pouca. Nos confins – claro que à exceção das zonas de cultura de primeira – o pau de lei é vasqueiro (PALMÉRIO, 2003, p.21-22).

Há que ressaltar, como nos lembra Amado (1995, p.145-146), que as categorias região, sertão e nação se entrecruzam e não podem ser pensados apenas da perspectiva espacial, pois se referem também às práticas culturais e ao imaginário constituído em torno de

um lugar. Questiona esta historiadora: “[...] o que seria de Minas Gerais, Goiás ou Mato Grosso sem seus sertões? Como pensá-los?”

Segundo Almeida (1999, p.54) o termo região implica uma parte dentro de um todo mais amplo, deste modo, a arte regionalista seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional. Existiria latente no posicionamento regionalista uma consciência orgulhosa dos valores locais e um desejo de vê-los afirmados, reconhecidos, no cenário nacional.

E, como confirmando a idéia de que o particular se encontra no geral, Palmério nos informa:

[...] - É muita gente vivendo nos Confins. Gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova: homens, mulheres, criança. Gente igualzinha à de toda parte, morando na roça e na cidade.

Cidade?!

Sim senhor, cidade! A Vila tem igreja, farmácia, venda; escola particular, coletoria e cemitério. Ah! E também a sapataria-farmácia-armazém de Carrilho & Cia. Ltda. Casa de platibanda nova, de esquina, pintada de pouco.

- Não senhor, não consta das cartas. Município novo, recém emancipado, mas com Prefeitura e Câmara de Vereadores já em funcionamento. Muito falada que foi essa primeira eleição municipal. Entretanto se a Vila dos Confins não aparece em mapa algum, a despeito de existir o lugarejo desde o tempo das sesmarias, a culpa não é da Vila e nem de ninguém de lá. Culpa mesmo do governo, que, afinal de contas, sempre foi, é e será ele o culpado de tudo o que acontece de errado e malfeito por esse mundo de Nosso Senhor (PALMÉRIO, 2003, p. 3-8).

Ainda na introdução do livro, Palmério apresenta a fauna da região. O autor fala de jacus, jaós, patos, codornas, nhambus, sucurs de 59 palmas, emas, queixadas, capivaras, veados, onças, jacarés de papo-amarelo, peixes de vários tipos, tais como: dourados, matrinxãs, surubins, pacus, taguaras, piaus, jaús, piras, corvinas... “povo aquático de todas as categorias e tamanhos” (PALMÉRIO, 2003, p. 3-8). Segundo Palmério (1972), “ninguém escreve sem ter vivido, se bem que em geral a gente aproveite coisas diferentes para enriquecer a história, [...] só se pode captar aquilo que realmente nos toca”. Informou que à medida que ia compondo o texto, vinha à lembrança uma série

de fatos e de pessoas, que sempre achava um jeito de encaixar.

Uma boa parte da crítica especializada acreditou que *Vila dos confins* alcançou o que Chiappini (1995, p.155) definiu como uma ponte que permite aos leitores sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se e aprendendo sobre tantos outros bicos do mundo. Mário Palmério conseguiu que os leitores do meio urbano não se distanciassem preconceitosamente do homem do campo.

Para Chiappini (1995, p.155), obra literária regionalista tem sido definida como qualquer livro que intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais e vincule-as a uma área do país, regiões rurais e nelas situem ações e personagens, procurando expressar suas particularidades lingüísticas.

O livro *Vila dos confins* é ambientado “no sertão dos confins”, lugar esquecido da geografia e dos governos. Lugar de pouca lavoura, muito gado e muita pesca. Lugar onde se caça e se proseia. Cidade de política disputada sem escrúpulos. Lugar que parece ser no Triângulo Mineiro, mas pode ser na região de Paracatu, ou mesmo em Goiás, ou quem sabe em Mato Grosso?

A geografia do lugar fica explícita, especialmente pelos sujeitos sociais que a compõem. Sabemos que é uma região diamantífera, que apresenta um tempo chuvoso e não existem muitas distrações. Deduz-se que é o interior do país. As pessoas se reúnem em torno de um bom narrador e com as coisas simples como o sabor de uma cachaça, de um cigarro de palha e das histórias contadas, fazem da noite e das relações estabelecidas, memórias inesquecíveis. Não importa exatamente o local, importa a nostalgia de um tempo que tem muito mais a ver com o rural do que o urbano. De acordo com Benjamin (1994, p.201) o narrador é de um tempo anterior ao romance, que inaugura um tempo do individualismo e da modernidade.

Por isso, paradoxalmente as experiências de um tempo perdido são inventariadas pelo romance que identifica uma época um lugar.

Para além do compromisso entre a geografia e a ficção há que se salientar a sensibilidade que não apenas olha, mas, antes, vê, observa, nomeia, descreve, explica. Tal a composição e profusão da fauna e da flora, que tanto para os que habitam o lugar ou mesmo para o forasteiro é como se o visitasse pela primeira vez. E as sensações para o leitor talvez sejam: “como

eu não percebi isso!” – “quantos detalhes compõem este espaço!” E mais do que isso, ao demonstrar tais aspectos, a ficção permite uma identidade, um saber de si mesmo, o lugar onde as raízes se fincaram.

O regionalismo hoje tem um caráter universal e moderno, que se atualiza. As particularidades locais se repõem com força, como reação aos riscos de homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às dificuldades de vida e trabalho. Um contraponto necessário à urbanização e à modernização do campo e da cidade sob o capitalismo (CHIAPPINI, 1995, p.153-159).

A cidade, a tecnologia, o avião, os luminosos, a aceleração dos movimentos e das pessoas, os novos hábitos femininos causam o estranhamento para aqueles que vêm do mundo rural. A vontade primeira é voltar para o aconchego e de preferência com os pés no chão. Enquanto não é possível, melhor é buscar nesse outro, tão diferente, alguma semelhança ou referências do que tenha significado expresso num imaginário do interior, do sertão. Vale lembrar que à época do romance o Brasil se modernizou, e para tal as fronteiras entre o campo e a metrópole foram rompidas e o jeito caipira de viver se vê ameaçado de desaparecer.

O regionalismo, por ser uma tendência temática e formal que se afirma marginalmente à “grande literatura”, é confundido freqüentemente com a etnologia, a pedagogia e o folclore. Para Chiappini, certos autores de textos de reconhecida qualidade estética não tinham a intenção de ir além do testemunho, do registro de contos e lendas orais, ou quando muito, de fazer história, visto que essas obras atravessam e são atravessadas por acontecimentos reais. O argumento da crítica seria de que a qualidade literária das obras regionalistas os elevaria do regional ao universal. No entanto, essa mesma crítica se esquece que é “o espaço histórico geográfico entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Ser regional não corresponde a ser antiuniversal, ou seja, o artista é universal na medida em que também é regional. Quanto mais integrado a seu meio, mais solidez e autenticidade ele apresenta.

Toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular, ou parece germinar desse fundo. Retira sua substância do clima, da topografia, da flora, da fauna como elementos que afetam a vida humana na região, bem como das maneiras pe-

culiares da sociedade estabelecida naquela localidade e que a fizeram distinta de outras (COUTINHO, 2004, p. 202-203).

Em suma, pode-se concluir que o livro se enquadra na tendência regionalista, no entanto essa tendência que poderia tê-lo confinado foi a alavanca que o projetou para públicos dos mais diversos.

Em *Vila dos confins*, o autor aborda problemas regionais e adota o linguajar regional, porém sem os exageros tão comumente destacados pela literatura popular. Utiliza metáforas, figuras de linguagem, ironia, repetição para enfatizar a força da fala.

Com a aproximação das eleições nos municípios recém emancipados – Vila dos Confins, Ipê Guaçu e São Benevenuto – a política estadual se agitava. Os chefes políticos do interior exigiam prestígio do governo.

À época no interior do Brasil, o meio rural predominava sobre o urbano e nesse sentido os fazendeiros e chefes locais eram os responsáveis pelo custeio das despesas do alistamento e da eleição. Sem interesse e sem dinheiro, o roceiro não faria o menor sacrifício para comparecer ao local de votação. Todas as despesas com documentos, transporte, alojamento,

refeições, dias de trabalho perdidos e até roupa, calçado, chapéu para o dia da eleição, tudo era pago pelos mentores políticos empenhados em sua qualificação e comparecimento.

No livro de Victor Nunes Leal (1975, p.35) encontramos o depoimento dado por Juarez Távora na Constituinte de 1933-34. No qual ele se declara filho do sertão que fez peregrinação pelos recantos mais desconhecidos do país, onde os eleitores não dispõem de recursos para se transportar de sua casa à sede do município onde deveria depositar a cédula eleitoral. Diz ele: “se qualquer de vós pegar o lápis e fizer o cálculo do quanto custa esse transporte de mais de um milhão de eleitores no interior do país, ficará habilitado a justificar a degradação dos pleitos custeados outrora pelos cofres públicos”.

Tal situação se revela nos Confins:

[...] Nelson chegou com dois caminhões apinhados. Entregou os títulos: cinquenta e sete. Entrou na venda a correr, e levou Paulo para o quarto: compraram o meu pessoal deputado! Mais de trinta! Quis acudir, mas foi tarde. Graças a Deus, eu tinha recolhido a maioria dos títulos. Se não ia tudo de embrulho...

Deram dez contos para o Armando da Várzea Limpa. Dez contos por oito eleitores! Soltaram o dinheiro mesmo. Mas o pior foi que tive que prometer também; caso contrário, nem a metade embarcava nos caminhões (PALMÉRIO, 2003, p.242).

Por intermédio do cabo eleitoral, Pé de Meia, o autor apresenta um relato sobre o alistamento eleitoral, no qual demonstra a dificuldade encontrada por um trabalhador rural, acostumado com as atividades da fazenda, em escrever seu próprio nome com uma ferramenta tão singela quanto uma caneta tinteiro:

Cabo de enxada engrossa as mãos [...] caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra coisa: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e currais. É marcar bezerro, é curar bicheira [...]. E quem perdeu tempo com leitura e escrita em menino, acaba logo se esquecendo do pouco que aprendeu. Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título rende a estima do patrão, a gente vira pessoa [...]

O novato sua, desiste: Vai não Pé-de-Meia. Mas o cabo é jeitoso, não força, não insiste – espera. Tempo só de passar a gastura que a caneta sempre dá no principiante.

[...] ‘Me dá licença, seu João’ E pega no mãozão cascudo, pesado tal um caminhão de tora. Vai choferando a bicha, para cima e para baixo, caminhando com ela sobre o papel. [...] Não é fácil, não senhor, leva tempo. Mas aos poucos João Francisco aprende a relaxar a mão, descobre que não carece de fazer tanta força, já não molha de suor o papel [...]. A pena ringe alto, mas risca bem grosso, bonito...Pelo meio do caminho, já dono de si, João Francisco acha até de conversar para mostrar desembaraço: ‘Este é o tal de gê? Gostei dele, uma simpatia de letra!’ (PALMÉRIO, 2003, p. 74-75).

A beleza desta passagem reside em evocar o sofrimento e a humilhação de brasileiros pobres, de mão calejada, na ânsia de se sentir cidadão pelo voto. A aparência e a simples assinatura não lhe renderiam a possibilidade de mudar o seu destino, mas, no mínimo, o respeito entre seus amigos na comunidade em que vivia.

Nos capítulos que tratam do garimpo, Palmério traça a lida do garimpeiro, como se fosse um profissional do ramo, utilizando os termos específicos da profissão. No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, as cidades de Garimpo das Alagoas (hoje Conceição das Alagoas), Frutal, Coromandel, Tiros, Boa Vista,

Lagoa Dourada, Estrela do Sul, Serrinha, Bocaiúva, Nazareno, São João da Chapada, Grão Mogol, Ferros, Patos de Minas, Monte Carmelo, entre outras, possuíam e algumas ainda possuem garimpo de diamantes. Um dos maiores diamantes do Brasil pesou 254,5 quilates, e foi denominado Estrela do Sul em homenagem à localidade onde foi encontrado, é citado no livro, bem como o Ribeirão Dourado que na região de Monte Carmelo recebe o nome de Rio Dourado. *Getúlio Vargas*, um dos maiores diamantes do Mundo – 926,60 quilates - foi encontrado em Coromandel, pequena cidade no caminho de Paracatu e Goiás, onde Palmério fez campanhas políticas. O autor descreve a formação dos povoados em torno dos garimpos:

[...] Se corre, porém, a notícia que a grupiara é rica, os ranchos de pau-a-pique arruam num instante a corrutela. Chega cachorro, chega mulher, toca a nascer menino – e o garimpo forma o arraial. Uns crescem ainda mais, e na pracinha deixada de propósito brota capela de adobo e telha, ajudada por todo o mundo. A igreja batiza o povo, batiza o lugar também. O nome pega – Gatinho, Areias, Bandeira... – e puxa venda, farmácia, pensão de cama e comida, onde hospeda pa-

dre, o viajante e tudo o que é capangueiro negociante de pedras, candidatos (praga que fareja atualmente todo lugar de categoria). Mas há grupiaras que secam, se esgotam, queimam. Morta a esperança, só fica o taperal (PALMÉRIO, 2003, p. 113).

A partir de 1853, com a decadência da mineração a região do Triângulo Mineiro no Alto Paranaíba adquiriu importância na extração do diamante. Exploradores que migraram de velhas áreas exauridas utilizaram especialmente os municípios de Coromandel, Monte Carmelo, Abadia dos Dourados não só como caminho, ponto de passagem para Goiás e Paracatu, mas também como lugar de produção dessa riqueza mineral. E ao longo dessas vias foram fundados povoados e arraiais que posteriormente originaram vilas e cidades. Esta é uma fase conhecida pelos estudiosos por mineração tardia. Porém a migração que facilitou o povoamento do interior de Minas Gerais, ao esgotar-se, trouxe dificuldades econômicas para a região e o conseqüente vazio demográfico, que foi preenchido pelas grandes propriedades, ocupadas por fazendas de gado, em economia de subsistência (MACHADO, 2005, p. 161-176).

Os capítulos dedicados à fazenda de Neca Lourenço tratam também do caboclo e de manifestações

culturais como a folia de reis, “pedras no sapato” do fazendeiro que tinha verdadeira implicância com os caboclos e suas atividades. Palmério declarava-se fã de Monteiro Lobato que leu já adulto e pode tê-lo influenciado na descrição e análise do caboclo em seu livro. Lobato, decepcionado com as experiências de administrador de fazenda, e indignado com as práticas agrícolas dos caboclos de sua propriedade, começou por colocar suas preocupações com o progresso e com os problemas brasileiros inicialmente por suas publicações em jornais e depois em livros como *A velha praga* e *Urupês*. Segundo Aleixo (2005, p.1) a imagem do Jeca Tatu criada por Monteiro Lobato passou a povoar o imaginário social brasileiro, tornando-se uma figura emblemática, caricaturizada dos caboclos como feios, analfabetos, pobres, preguiçosos, sujeitos, inadaptáveis à civilização e aos tempos modernos. E de certa forma Jeca Tatu é a representação literária utilizada para pensar o homem nacional na primeira metade do século XX. Assim, como antítese do progresso, da nação de trabalhadores que se quer construir, “percebe-se inicialmente que o caboclo pode ser caracterizado como um ser errante, um trabalhador em movimento, vivia a ser empurrado de um sertão que

conquistou [...] até ser expulso através da força física usada pelos coronéis” (ALEIXO, 2005, p.3).

Várias passagens de *Vila dos confins* permitem identificar o leitor lobatiano, o homem que cresceu na primeira metade do século XX.

No livro o dia da eleição possui uma vibração especial, um sentido de ser, especialmente para os eleitores da zona rural. Para eles era feriado, portanto, aquele dia não trabalhavam. Muitos, pela primeira vez, andavam num veículo motorizado, vestiam suas melhores roupas, levavam a família inteira para a cidade. Mais do que isso, era a vez de ser alvo de atenção, de ganhar comida, peças de vestuário e distração. E para que o político não fosse enganado, “mantinha seus votantes reunidos e vigiados em barracões, ou currais, onde lhes dava farta comida e bebida, até a hora de votar” (CARVALHO, 2006, p.35).

Deste modo, Palmério forneceu uma visão do mundo interiorano, facetas humana, física, social, ética etc. O livro trata da eleição e os capítulos que entremeiam a narrativa em nada destoam da trama, apesar de alguns críticos alegarem que foram introduzidos por que o autor não havia feito realmente um romance.

Entretanto os críticos, “comunidades interpreta-

tivas” cujos membros compartilham os mesmos estilos de leituras e as mesmas estratégias de interpretação (CHARTIER, 2001, p. 216), acostumados com a estrutura tradicional dos romances, consideraram que a forma diferenciada da estrutura de *Vila dos confins* era indevida.

Nas palavras de Mário Palmério, em princípio as notas recolhidas ao longo de suas vivências seriam para um relatório, que acabaram se transformando em livro. A obra não foi concebida como um todo, mas na soma de elementos narrativos de enredo e cartões postais que lhe pareceram oportunos de introduzir para espaçar alguns momentos da narrativa, que de outro modo tornar-se-ia enfadonha.

Zilberman afirma (1989, p.100) que as obras não se apresentam num vazio informativo, visto que alertam seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas reconhecidas. Elas correspondem “a necessidades do público com o qual dialoga, sem o que a sua presença não se justifica”. O leitor se sente à vontade com livros que incluam contextos já conhecidos por ele. Um entendimento previamente construído conduz a uma compreensão do que se lê, que nem sempre é o que pretendia o autor.

Reconstituir o horizonte de expectativas diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que o autor respondeu o que significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação. “Os indicadores explícitos pelos quais os textos são designados e classificados criam expectativas de leitura e perspectivas de entendimento” (CHARTIER, 2001, p. 228). As indicações de gênero ligam o texto a outros textos que já foram lidos e assinala ao leitor o pré-entendimento apropriado no qual situar o texto. Os leitores, ao lerem *Vila dos confins*, apresentavam um pré-entendimento, pois residiam em um país predominantemente rural, com políticos que ainda mantinham práticas da república oligárquica, e é esse o enredo do livro, daí seu sucesso. Não importava se ele reproduz fielmente o universo real do interior ou da política.

Vila dos confins continua sendo editado sem interrupções desde seu lançamento, e a respeito da recepção à literatura ao longo do tempo, Zilberman (1989, p. 99-105) nos esclarece que há sempre uma assimetria entre escritor e audiência, o que provoca simultaneamente diálogo e controvérsia. Desse modo, mantém-se um intervalo “a ser preenchido por novos

leitores que, mesmo em outras épocas e contextos, voltam à ficção para ali reconhecerem uma realidade a ser questionada ou a questioná-los”. Assim, a obra se atualiza pelas novas leituras, reinterpretações e a capacidade que ela tem de desprender-se de seu tempo original e responder às exigências dos novos leitores é reveladora de sua historicidade. Porém, ainda segundo Zilberman:

[...] para ocorrer esse desdobramento futuro é preciso que, desde o começo ela estabeleça algum tipo de comunicação com os primeiros destinatários. O vínculo com a época de aparecimento antecipa aquela historicidade, que se propaga para o futuro desde as modalidades iniciais de recepção (ZILBERMAN, 1989, p.100).

A historicidade da obra fica registrada pela crítica literária que não apenas documenta a circulação da obra ao longo de sua trajetória, como também tem um caráter formador que se repercute na leitura contemporânea e influencia a valorização do texto perante o público e a sua localização no fluxo cronológico. “Se a crítica documenta a história dos efeitos da obra, responsabiliza-se igualmente por esses últimos, sob

este aspecto correspondendo com mais nitidez ao papel ativo que a estética da recepção espera conferir ao leitor” (ZILBERMAN, 1989, p. 98-105).

O sertão é muito longe e quase não têm habitantes, os poucos moradores são mestiços. Sua economia difere da economia da cidade e do litoral. Apresenta uma associação mais comunitária, outro tipo de usos e costumes, o poder dos coronéis, o desvalimento dos camaradas, a luta social dos estados periféricos. Possui um universo psíquico que apresenta formas de pensamentos mais míticas. Detém a chave de nossa origem histórica típica e genuína, o sertão avulta como local de vida heróica ou trágica, de vida salutar e genuína. “E outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica, realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista etc.. No entender de Vicentini (2007, p.191), a temática do sertão como terra a conquistar, se firmou especialmente pelo cenário “extraliterário da política que a marcha para o oeste de Getúlio Vargas vem reforçar”.

Como produto de sua época e de sua sociedade, Palmério chamou a atenção para as questões políticas e regionais de seu tempo, sua criação literária se tornou um produto histórico. Não era um homem de le-

tras como Euclides que foi jornalista e escritor e nem como Guimarães Rosa que escreveu uma grande obra. O autor de *Vila dos confins* e de *Chapadão do bugre* dedicou-se à política, à educação, à literatura, à ecologia, à música e às suas fazendas. Era um intelectual que se interessava pelo dia a dia de sua região e do Brasil, talvez por esse motivo sua obra restringiu-se aos dois livros. Pura falta de tempo.

REFERÊNCIAS

FONTES

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BIBLIOGRAFIA

ALEIXO, Adriana Cristina Venturoso. Imagem literária de um sertão chamado Brasil. *Revista da UFG*, v. 7, n.1, jun. 2005. Disponível em < http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/V11_imagem.html>. Acesso em: 4 ago. 2007.

ALMEIDA, José Mauricio Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*. 8ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1985.

CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 211-238..

CHIAPPINI, Ligia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE

HISTÓRIA, 20., 1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPUH: Humanitas /FFLCH/USP, 1999. p. 805-817.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

JORNAL SUPLEMENTO LITERÁRIO. São Paulo, 08 out.1972, n. 793, ano XVII. s/p. Recorte do jornal disponível no Memorial Mário Palmério na Universidade de Uberaba.

FONTES, Joaquim Rubens. *Pelos caminhos e vilas do chapadão. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério*. 2000. 126f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MACHADO, Maria C. T. Na rota da (des) fortuna: a mineração tardia do diamante no sertão das Minas Gerais. In: CARDOSO, H. H. P.; MACHADO, M. C. T.

(orgs.) *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 161-176.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti (org.) *Seleção de Mário Palmério*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. 2 ed. São Paulo: Ed. FGV, 2003. p.13-36.

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e cultura*, v.10, n.2, p.187-196, jul. dez. 2007.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Artigo recebido em: 01/08/2010

Aprovado para publicação em: 03/09/2010